

Sustentabilidade e informação: campos em rede

por Cássia Navas



Sustentabilidade e informação: campos em rede

por Cássia Navas

publicado em 21 de maio de 2021

O tempo-que-passa é um território pelo qual trafegam artistas da dança. A concretude de sua arte efemeramente se desvela frente às plateias que a observam/recebem/percebem. Esta estrutura de base determina que aquilo que se performa (no palco) e que se presencia (na plateia) estruture-se em diversos rastros que vão destes nossos corpos/mentes (sim, a dança assistida fica conosco) até registros como a litogravura, a pintura, a foto, o cinema, o vídeo, textos escritos, notações coreográficas e imagem sintética.

Os rastros da dança também se encarnam em registros básicos de informação, como nos verbetes da *Dança em Rede*, da São Paulo Companhia de Dança (SPCD), uma enciclopédia colaborativa online que divulga e fomenta a produção de informações sobre a dança no Brasil, por mais de 3.500 verbetes produzidos a partir de informações autodeclaradas de companhias/grupos, coreógrafos, escolas, profissionais da dança. Uma ação desafiadora que estabelece uma rede pela qual se desvela parte de um campo que também se estrutura em redes, mesmo que delas seus atores nem sempre tenham consciência.

Como outras iniciativas de trabalho com informação cultural, a ação desta enciclopédia insere-se no campo do volátil. Sua constante atualização demanda grande obstinação e investimentos financeiros em fluxo, pois o passar do tempo por sobre o coletado rapidamente nos joga no campo da transitoriedade da arte, que é a mesma da transitoriedade da vida.

Por outro lado, durante muito tempo, o repasse de conhecimentos em dança deu-se através de estratégias de transmissão oral, de onde a importância dos mestre-coreógrafos, que são fundamental parte de sua memória. Se a “oralidade” merece toda uma reflexão mais aprofundada dentro da história da dança, cada vez mais os índices de tais caminhos, como os estruturados na Dança em Rede, são absolutamente necessários.

Preencher seus verbetes, além de marcar um território coletivo, também é aprendizado de autorreconhecimento, resultado do mapeamento e consolidação dos dados que embasam e informam a história de cada estrutura ou carreira “verbetada” de grupos/companhias, escolas, criadores e professores.

Na enciclopédia virtual da SPCD, alguns verbetes podem ser atualizados por uma iniciativa curatorial da companhia, como o recentemente realizado com quatorze instituições do estado de São Paulo que se autodeclararam públicas. Por este recorte, estabeleceu-se uma topologia paulista para um campo, a apontar para uma rede de grupos/companhias criadas entre 1968 e 2018, desenhando-se um arco temporal de quarenta e sete anos entre a fundação da primeira, o Balé da Cidade de São Paulo, e da última, Companhia Jovem de Jundiaí

Compõem este conjunto de verbetes os Balé da Cidade de Rio Claro, Balé da Cidade de Santos, Balé da Cidade de São Paulo, Balé da Cidade de Taubaté, Companhia de Danças de Diadema, Companhia Estável de Dança de Bauru, Companhia Estável de Dança

de Piracicaba (Cedan), Companhia Jovem de Dança de Jundiá, Companhia Jovem de Dança de São José dos Campos, Corpo de Baile de Caraguatatuba, Corpo de Baile Jovem de Itanhaém, Ribeirão Preto Cia. de Dança, Rio Preto Cia. de Dança (antigo Balé da Cidade de Rio Preto) e São Paulo Companhia de Dança.

Os registros apresentam-se em dois formatos – grupos de dança e companhias profissionais –, e doze deles dizem respeito a instituições que têm sua sustentabilidade, direta ou indiretamente, ligadas a estruturas públicas municipais e do Estado, delas dependendo, em formatos variados, os seus orçamentos principais.

Dois verbetes referem-se a companhias que não dependem de aportes financeiros públicos (diretos ou indiretos) para sua subsistência. Apesar disto, emprestam para si o nome da cidade que as sediam, indicando um desejo de representação de uma topologia municipal. Tal é o caso, e desde a sua fundação, do Balé da Cidade de Rio Claro e da Ribeirão Preto Companhia de Dança.

Independentemente da diversidade dos percursos destes grupos/ companhias, numa variedade esperada (e em alguns casos bem-vinda) a partir dum contexto contemporâneo, no qual a sustentabilidade (quando lograda) da dança pode se estruturar de muitas maneiras, todos os grupos/cias destes verbetes apresentam características a apontar para uma sua validação em seus contextos de origem.

Em primeiro lugar, possuem trajetórias permanentes, pelas quais se valida, ao longo de um período, sua presença na arte de uma cidade, região e país. Em segundo lugar, são estruturas artísticas visíveis – visibilidade que se percebe pela “medida” a partir da qual cada uma se dá a conhecer por diversas mídias e plataformas de difusão (presenciais e/ou on-line). Por fim, apontam para a categoria “produção” de bens culturais gerados, cada produto ou seu conjunto (repertório) sendo considerado fator de inserção em determinado meio ambiente artístico-cultural.

Estes grupos/companhias estabelecem uma rede da dança atual. Articulados através da plataforma Dança em Rede, reforçam o perfil da São Paulo Companhia de Dança enquanto uma instituição que promove ações colaborativas, por meio de iniciativas que generosamente transbordam dos contornos de sua função de criar e difundir dança através de um projeto que, mediante uma política de Estado, articula saberes e fazeres levados adiante pela vontade de apresentar arte em permanência.

Por certo, a construção de uma rede entre estas estruturas paulistas, no sentido de fortalecer-se o campo da dança no Brasil, no momento da crise aguda que atravessamos por conta da pandemia do Covid-19 (2020-2021), demandaria ações partilhadas entre elas e muitos outros atores da dança de São Paulo.

Diferentemente de uma sempre imediata percepção das redes, que pode gerar a miragem do apagamento das feições de seus integrantes, uma rede de apoio e visibilidade, enquanto uma estrutura conectiva, não se estabelece pelo apagamento das diferenças entre seus polos e por uma consequente união igualitária entre cada um deles, cuja manutenção exige permanentes e distintos esforços de sustentação.

Constrói-se pela negociação entre polos, em meio aos quais se estabelecerão embates a demandar mediações entre diferenças e grandezas, resultando numa espécie de federação de hierarquias. Para esta mediação, é fundamental o aumento da visibilidade dos membros da comunidade da dança, desvelando-se uma parcela de atores culturais que a sociedade civil não conhece e que, entre si, tampouco se conhecem muito bem.

Além disto, o trabalho de pesquisa e consolidação de dados sobre esta comunidade pode auxiliar a combater uma certa ideia da dança (e de sua gestão, sempre incrivelmente complexa) como um campo “sem história” – na verdade um campo “sem história

escrita”, o que resulta em trajetórias a serem retomadas, sem cessar, seus atores alheios ao conhecimento acumulado daqueles que os precederam.

A enciclopédia Dança em Rede, da São Paulo Companhia de Dança, é ação que organiza fundamentos para esta história: uma rede de dados que pode servir de base para o desafio de ações articuladas, organizando-se os povos da dança para os vindouros desafios globais, a serem enfrentados por ações locais, as nossas.

Referências

NAVAS, C. Dança e Mundialização: políticas de cultura no eixo Brasil-França. São Paulo: Hucitec, 1999

NAVAS, C. Informação e memória de dança no Brasil, making off de um cd rom. In Revista Urdimento (UDESC), n. 6, 2004, p.129-140

NAVAS, C. Curadoria e mediação, apontamentos. In: Renata Leoni; Instituto Festival de Dança de Joinville. (Org.). A dança da rede. As redes da dança. 01ed.Joinville: Instituto Festival de Dança de Joinville, 2019, v. 12, p. 93-102

NAVAS, C. Dança e recepção: Questões & três partituras. In: Lúcia Santaella; Everton Motta. (Org.). Dança, sob o signo do múltiplo. 1ed.Barueri: Estação das Letras e Cores, 2020, v. 1, p. 9-25

CÁSSIA NAVAS é professora-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena - Instituto de Artes / UNICAMP tendo sido professora convidada do Master Danse - Université de Paris 8. É graduada em direito pela USP, doutora em dança-semiótica pela PUC -SP, pós-doutora em artes pela ECA -USP, especialista em gestão e políticas culturais pela UNESCO - Université de Dijon / Ministère de la Culture France. Autora de vários livros e artigos,

foi pesquisadora do IDART/Secretaria Municipal de Cultura (SP), coordenadora da Rede Staging e da Oficina Cultural Oswald de Andrade (São Paulo) e consultora do TD- Teatro e Dança (São Paulo, 2006-11). É curadora/consultora de programas/projetos, como o Programa de Qualificação em Dança (São Paulo, 2015-21), Dança + Cidade (Sesc Pinheiros, SP/2015), Dancing: Inside Out (Frankfurt /2016), Plataforma Formação Estado da Dança (Piracicaba/2016), Seminários Ida-e-Volta, Dança: Brasil-França (France Danse Brésil 2016-17), CCSP - Centro Cultural São Paulo: Dança em Diálogo (2015-17) e Dança + Cidade, Modo Casa (Sesc Registro, 2020). Parte de sua produção compõe o www.cassianavas.com.br e o canal YouTube Cássia Navas, abre aspas.

Para citar este texto como fonte de pesquisa: NAVAS, Cássia. Sustentabilidade e informação: campos em rede. São Paulo: São Paulo Companhia de Dança, 2021. Disponível em <<http://www.spcd.com.br/memoria/olhares>>. Acessado em (DIA/MÊS/ANO).